

**A HISTÓRIA DAS *TOBACCO WIVES* NO ROMANCE *TO HAVE AND TO HOLD*
([1900] 2016)**

Beatrice Uber
Unioeste

RESUMO: O romance *To have and to hold* ([1900] 2016), da estadunidense Mary Johnston, aborda a temática da vinda de jovens que deixaram a Inglaterra para casar com colonizadores em Jamestown, no atual estado da Virgínia, nos Estados Unidos da América. Essas moças, de acordo com a historiografia tradicional, ficaram conhecidas como *tobacco wives* e *Jamestown brides*. A narrativa é exposta por um narrador autodiegético, Ralph Percy, que representa um dos colonizadores ingleses no “Novo Mundo” e relata sua história ao se casar com Jocelyn Leigh, uma das jovens destinadas ao matrimônio. É por meio de sua perspectiva que temos conhecimento da sua necessidade de adquirir uma esposa, como ocorre seu casamento, o valor despendido para a efetivação da cerimônia, as desavenças que passam a ocorrer após a vida de casado e, principalmente, os ataques que a colônia em desenvolvimento – Jamestown – enfrenta para se sustentar no “Novo Mundo” e tornar-se um local próspero e desenvolvido governado pela Coroa Inglesa. Assim, por meio do romance histórico *To have and to hold* ([1900] 2016), uma obra que mescla história e ficção, o presente artigo faz uma breve apresentação das modalidades do gênero romance histórico, objetiva apresentar a história das *tobacco wives* perante a história oficial e no território fictício, bem como analisar se a diegese romanesca contesta a versão oficial difundida ou se corrobora os eventos do passado acerca da colonização norte-americana. Para embasamento teórico, autores como Mata Induráin (1995), Pesavento (1999), Zug (2016) e Fleck (2017) servem como substrato.

PALAVRAS-CHAVE: Mary Johnston. *To have and told* ([1900]2016). Colonização norte-americana. Romance histórico tradicional. Mulheres do tabaco. Noivas de Jamestown.

ABSTRACT: The novel *To have and to hold* ([1900] 2016), by the American Mary Johnston, approaches the theme of the coming of young women who left England to marry colonizers in Jamestown, in the actual Virginia State, in the United States of America. These young women, according to the traditional historiography, were known as tobacco wives and Jamestown brides. The narrative is exposed by an autodiegetic narrator, Ralph Percy, who represents one of the British colonists in the “New World” and describes his story when marrying Jocely Leigh, one of the young ladies destined to matrimony. It is throughout his perspective that we acquire knowledge of his need of a wife, how the marriage takes place, the amount of money spent for the wedding ceremony, the problems that arise after the married life and, mainly, the attacks that the colony in development – Jamestown – go through to sustain itself in the “New World” and become a prosperous and developed place governed by the British Crown. This way, by means of the historical novel *To have and to hold* [1900] 2016), a literary piece that blends history and fiction, the present paper makes a brief presentation of historical genre modalities, aims to present the history of the tobacco wives in the face of the official history and in the fictitious field, besides analyzing if the diegesis contests the official version spread or if it corroborates the events of the past about North America’s colonization. As theoretical support, we rely on Mata Induráin (1995), Pesavento (1999), Zug (2016) and Fleck (2017).

KEYWORDS: Mary Johnston. *To have and told* ([1900]2016). North American colonization. Traditional historical novel. Tobacco wives. Jamestown brides.

INTRODUÇÃO – UMA BREVE DEFINIÇÃO DO TERMO “ROMANCE HISTÓRICO” E SUAS FASES

Um romance histórico pode vir a ser definido como uma obra que apresenta uma história inventada num passado real, mas que deve estar distante do tempo no qual o autor a escreve, conforme explica Mata Induráin (1995, p. 16). Ainda, segundo esse autor, o intuito desse tipo de livro é reconstruir a época em que se situa a narrativa por meio de personagens principais fictícios. Logo, “*por su propia naturaleza, la novela histórica es un género híbrido, mezcla de invención y de realidad.*”¹ (MATA INDURÁIN, 1995, p. 17).

De acordo com o pesquisador Mata Induráin (1995, p. 18), o termo “histórico” serve como adjetivo e “romance” é o substantivo. Assim, a obra fictícia é o produto final dessa combinação de elementos históricos e literários organizados por um escritor que busca um equilíbrio entre a realidade e os episódios criativamente inventados. Não se trata apenas de colocar alguns personagens dentro de um evento histórico, mas reconstruir uma época, costumes, modos de vida e circunstâncias daquele momento, explica o autor.

Na sequência de seus estudos, Mata Induráin (1995, p. 37) deixa claro que o homem busca sua identidade na história, mas que os romances históricos contribuíram e ainda contribuem para evitar amnésia do passado. Ademais, ele assevera que a literatura permite que se possa narrar e explicar os acontecimentos com maior vivacidade e emoção.

Nessa junção de fronteiras entre o real e o fictício, Pesavento (1999, p. 819) explana que tanto a história como a ficção são permeadas por “um narrador que mediatiza aquilo que viu, vê ou ouviu falar e que conta e explica a terceiros uma situação não presenciada por estes.” Enquanto a história se identifica com a verdade do acontecido, a ficção deve ser vista “como ato ou efeito de ‘colocar no lugar de’, ‘dar o efeito de real’, como se aquilo que se passou longe

¹ Nossa tradução: Por sua própria natureza, o romance histórico é um gênero híbrido, uma mistura de invenção com realidade.

do olhar e da vida dos ouvintes ali estivesse, numa ‘ilusão referencial’ de presença e que permitisse o público ‘imaginar’ como ‘teria sido’ aquilo que se narra.” (PESAVENTO, 1999, p. 820). Dessa forma, ao selecionar um determinado evento histórico e transpassá-lo para a ficção, percebe-se a diluição de fronteiras entre as duas áreas e abre-se espaço para a interdisciplinaridade, segundo a autora.

O gênero romance histórico pode ser classificado em diferentes modalidades em que cada uma delas apresenta características transformadoras acerca de seu estilo. O pesquisador brasileiro Fleck (2017, p. 131) defende que há três fases: a acrítica, a crítica e desconstrucionista, e a mediadora.

Na fase acrítica, encontram-se duas modalidades. A primeira delas é a clássica, que surgiu por volta de 1814 ou 1815, segundo Lukács ([1936-37] 2011, p. 18), e teve continuidade até meados do século XX. Márquez Rodríguez (1996, p. 22-23) informa que esse tipo de romance histórico caracteriza-se por apresentar quatro características específicas: uma espécie de pano de fundo que serve como base para os eventos ocorridos do passado e que se encontram longe do presente do autor; uma história inventada que apresenta episódios e personagens que não existiram na realidade, sendo apenas fruto da imaginação do ficcionista; um episódio amoroso que ao longo da narrativa passa por dificuldades, cujo desenlace pode apresentar tanto um final feliz como não; e a ficção constitui o primeiro plano da narrativa porque é ali que se passa toda a história elaborada por seu autor.

A segunda modalidade, o romance histórico tradicional, segundo Fleck (2017, p. 50-51) apresenta seis características. De forma simplificada pode-se dizer que há o desaparecimento do pano de fundo histórico, a ideologia do romance comunga com a historiografia oficial, as ações do romance seguem a linearidade cronológica dos eventos, a visão clássica é substituída e ancorada, geralmente, em narrações em primeira pessoa, a intenção de ensinar a história prevalece ao leitor e, por último, as personagens são, em sua

maioria, aquelas consagradas pela história oficial. Essa modalidade será melhor explicada e analisada ao longo da análise do romance *To have and to hold* ([1900] 2016), foco desse estudo.

A fase crítica e desconstrucionista também abarca duas modalidades. A primeira delas é o novo romance histórico latino-americano, que foi primeiramente estudado por Aínsa (1991) e, posteriormente, por Menton (1993), que reduziu de dez para seis as características dessa modalidade. Conforme o próprio nome estipulado por Fleck (2017) já diz, “crítica e desconstrucionista”, essas obras vão de encontro à historiografia oficial e desconstróem aquilo que se tinha por certo. Assim, para Menton (1993, p. 42-25), suas características são: a reprodução de um determinado período histórico; a distorção consciente da história perante omissões, exageros e anacronismos; a ficcionalização de personagens históricos; metaficção ou comentários do narrador acerca do processo de criação da obra; o uso da intertextualidade; e a presença de conceitos bakhtinianos como dialogismo, carnavalização, paródia e heteroglossia.

Já a segunda modalidade, a metaficção historiográfica, estudada e difundida por Hutcheon (1991, p. 142), “mantém a distinção de sua auto-representação formal e de seu contexto histórico, e ao fazê-lo problematiza a própria possibilidade de conhecimento histórico [...]”. Ademais, “a metaficção historiográfica procura desmarginalizar o literário por meio do confronto com o histórico, e o faz tanto em termos temáticos como formais.” (HUTCHEON, 1991, p. 145). Nessa mesma linha de pensamento, a autora afirma que a metaficção historiográfica demonstra que “a ficção é historicamente condicionada e a história é discursivamente estruturada” (HUTCHEON, 1991, p. 158).

De acordo com os estudos do pesquisador Fleck (2017), os romances históricos que são metaficções historiográficas “são, geralmente, multiperspectivistas, ou seja, compostos por diferentes fios narrativos, que acabam, pelo teor metaficcional sobressalente, sendo amalgamados por aquele fio no qual predominam tais recursos da metaficção.” (FLECK, 2017, p. 94). Para o autor, nessa modalidade, um dos fios narrativos – seja ele metaficcional ou

autoreferencial – deve revelar ou discutir a construção discursiva dos outros eixos presentes no romance.

Por fim, a última fase é a mediadora, que apresenta a mais recente modalidade de romance histórico que foi detectada por Fleck (2017): o romance histórico contemporâneo de mediação. Nessa modalidade ocorre uma “conciliação entre ambas as tendências contemporâneas de produção de obras híbridas de história e ficção, ou seja, a união de certos traços marcantes das produções romanescas históricas de cunho mais tradicional com várias características do novo romance histórico e da metaficção historiográfica.” (FLECK, 2017, p. 107). Nesse tipo de romance histórico encontram-se as seguintes características, conforme Fleck (2017, p. 109-111): releitura crítica verossímil do passado; uma narrativa linear de um episódio histórico recriado; seu foco narrativo é descentralizado e ex-cêntrico; a linguagem do romance é fluída, amena e coloquial; o uso de estratégias escriturais bakhtinianas como dialogia, polifonia, paródia e intertextualidade se fazem presente, mas recursos altamente desconstrucionistas como a carnavalização, ironia e anacronias exacerbadas não encontram-se na narrativa; e a presença de recursos metaficcionais, como comentários do narrador sobre o processo de criação da obra.

Dessa maneira, por meio de todas essas modalidades, os romances históricos conseguem apresentar em suas narrativas, seja para ratificar ou desconstruir as versões historiográficas difundidas, aquilo que poderia ter acontecido. De acordo com Pesavento (1999, p. 830), “se o texto histórico busca produzir uma versão do passado convincente e próxima o mais possível do acontecido um dia, o texto literário não deixa de levar em conta essa aproximação. Embora a trama seja, em si, criação absoluta do autor, busca atingir este efeito de apresentar uma versão também plausível e convincente.”

Após essa breve contextualização sobre as fases e modalidades do romance histórico, será efetuada uma explicação sobre quem eram as *tobacco wives* ou *Jamestown brides*, jovens

que se deslocaram da Inglaterra e cruzaram o mar para desposar colonizadores brancos ingleses, cujo intuito era assegurar um território a ser desbravado no “Novo Mundo”.

TOBACCO WIVES – UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA DA SAGA DE MULHERES QUE SE DESLOCARAM PARA CASAR.

A pesquisadora Zug (2016, p. 12) aponta que no século XVII, por volta de 1620, durante o processo de colonização do atual Estados Unidos da América pela Inglaterra, muitos homens migravam para a colônia ultramarina, mas eram solteiros. Além disso, o local era visto como um território onde a fome e as doenças persistiam, o que dificultava que as mulheres tivessem interesse em se deslocar para lá. Essa autora também menciona que a ausência delas era uma ameaça ao desenvolvimento da colônia, cujo local o país britânico pretendia assegurar, e que cada vez mais observava os colonizadores unirem-se às nativas da terra e abandonarem seus hábitos europeus.

A partir disso, o tesoureiro Edwin Sandys, da Companhia da Virgínia, decidiu buscar uma solução para esses problemas populacionais e julgou que se a metrópole patrocinasse a imigração de mulheres solteiras, os homens estariam mais estabelecidos, com um lar fixo e seriam menos andantes, impedindo-os de regressar à Inglaterra, segundo Zug (2016, p. 14). A autora explana que foi a partir desse requerimento que a companhia passou a recrutar jovens estavam dispostas a casar com os colonizadores em Jamestown, no atual estado da Virgínia.

De acordo com Zug (2016, p. 14), durante o ano de 1620, “*ninety mail-order brides arrived in Jamestown. Their arrival was considered a success [...]*”² Devido ao sucesso do programa, o tesoureiro Edwin Sandys requisitou que outras cem mulheres fossem enviadas para o mesmo assentamento, mas devido à falta de dinheiro, a companhia conseguiu enviar apenas outras cinquenta jovens, e, ainda, conforme a autora, “*altogether, the Virginia Company*

² Nossa tradução: Noventa noivas por encomenda chegaram a Jamestown. Suas chegadas foram consideradas um sucesso [...].

sponsored the immigration of 140 mail-order brides.”³ (ZUG, 2016, p. 14). Apesar do número de jovens enviadas não ter sido aquilo que se ambicionava, a vinda dessas moças foi um evento que deu certo, pois famílias brancas europeias começaram a ser formadas a partir de suas uniões.

Algumas características bastante interessantes do programa, apontadas por Zug (2016, p. 21-22), eram que as jovens teriam o direito de escolher seus maridos, casariam com homens livres e não servos, receberiam um enxoval com itens pessoais e para a casa, e teriam sua comida e hospedagem garantida até o momento do casamento. Ademais, a viagem de transporte era custeada pelo futuro marido, que teria a responsabilidade de reembolsar para a Companhia da Virgínia uma quantia de 120 libras de boas folhas de tabaco, valor esse que poderia chegar até 150 libras. Assim, devido a forma como ocorreu esse pagamento, Zug (2016, p. 21) declara que as jovens que se aventuraram para desposar colonizadores desconhecidos receberam a alcunha de “*tobacco wives*”⁴, mas o termo “*Jamestown brides*”⁵ também obteve seu reconhecimento.

Williams (1976, p. 20), uma estudiosa sobre as mulheres que fundaram os Estados Unidos da América – afirma que todas as *tobacco wives* estavam casadas no fim do ano de 1622 e que ainda havia uma grande demanda por mais jovens para casar. Consoante a autora, durante os primórdios do período de colonização da terra a ser desbravada, “*men complained bitterly that they had no wife or woman to wash their clothes or to take care for them in illness.*”⁶ (WILLIAMS, 1976, p. 20). Consequentemente, a união matrimonial iria resolver essas pendências masculinas. Uma vez que esse desejo era realizado, as mulheres dessa região – tanto do assentamento Jamestown, como dos outros que também vieram a se desenvolver naquela

³ Nossa tradução: No total, a Companhia da Virginia patrocinou a imigração de cento e quarenta noivas por encomenda.

⁴ Nossa tradução: Mulheres do tabaco.

⁵ Nossa tradução: Noivas de Jamestown.

⁶ Nossa tradução: Os homens reclamavam amargamente que eles não tinham esposa ou servidora para lavar suas roupas ou para cuidar deles quando estavam doentes.

região – tinham uma vida árdua porque precisavam satisfazer seus maridos em condições habitacionais rústicas e com poucos utensílios para o lar ao seu alcance.

Sobre as atividades das mulheres nesse período, Berkin (1997, p. 14) afiança que “*the tasks of childbearing and household and fieldwork were the primary physical and economic constraints [...]*”⁷ Assim sendo, era então imposto à mulher o papel de cuidar da casa, dos filhos e do marido, sendo uma ótima mãe e esposa para que tudo estivesse de acordo como o esposo queria.

TO HAVE AND TO HOLD ([1900] 2016) – UM ROMANCE HISTÓRICO TRADICIONAL NA LITERATURA ESTADUNIDENSE

Na ficção, a temática das *tobacco wives* foi apresentada pela escritora estadunidense Mary Johnston, em *To have and to hold* ([1900] 2016). A narrativa ocorre em primeira pessoa por meio da personagem masculina fictícia Ralph Percy, que após ser convencido pelo amigo John Rolfe, personagem de extração histórica⁸, decide sair de sua casa em Weyanoke Hundred e ir até Jamestown para arranjar uma esposa.

O fato de a diegese romanesca ser narrada em primeira pessoa, substituindo a visão onisciente dos modelos de romance histórico clássico – cujo grande precursor do gênero foi Walter Scott com sua obra inaugural *Waverly* ([1814] 1986) –, já começa identificando a obra como um romance histórico tradicional, segundo os estudos de Fleck (2017, p. 50-51). Essa modalidade de romance histórico apresenta

[...] visões individualizadas, ancoradas em narrações em primeira pessoa, homo ou autodiegéticas. Essa alteração rompe com a distância épica entre o fato narrado e sua recepção, pois possibilita ao leitor dar-se conta de que o passado é o gerador de

⁷ Nossa tradução: As tarefas de gerar filhos, efetuar o trabalho doméstico e no campo eram as principais delimitações físicas e econômicas [...].

⁸ O termo “extração histórica” foi proposto por Trouche (2006, p. 44) e é utilizado para referir-se a um “conjunto de narrativas que encetam o diálogo com a história, como forma de produção de saber e como intervenção transgressora [...]”. O seu uso também pode ser ampliado e usado para classificar personagens que fizeram parte da historiografia oficial.

situações presentes. Desse modo, o foco narrativo possibilita a subjetivação do material histórico incluído na diegese. (FLECK, 2017, p. 50).

Tal característica pode ser, obviamente, observada logo no início da narrativa quando o narrador autodiegético apresenta parte de seu dia em sua casa, na qual vive sozinho: “*The work of the day being over, I sat down upon my doorstep, pipe in hand, to rest awhile in the cool of the evening.*”⁹ (JOHNSTON, 2016, p. 8). Fica evidenciado dessa forma que a narrativa ocorre em primeira pessoa pela personagem masculina fictícia Ralph Percy.

Uma embarcação com muitas jovens para casar havia ancorado em Jamestown. A descrição dessas jovens, que foi elaborada pelo narrador era a seguinte: “*ninety slender figures decked in all the bravery they could assume; ninety comely faces, pink and white, [...] ninety pair of eyes, laughing and alluring or downcast with long fringes sweeping rounded cheeks; ninety pair of red lips [...]*”¹⁰ (JOHNSTON, 2016, p. 20). Assim, atraídos pela beleza das *tobacco wives* e desejo de ter uma família, todos aqueles colonizadores que tinham o desejo de casar poderiam entrar em contato com as moças e propor casamento. Caso, a noiva aceitasse, o futuro marido pagava pelo transporte e a cerimônia era então realizada.

O colonizador Ralph, o protagonista masculino do romance, apaixona-se a primeira vista por Patience Worth, uma das supostas personagens que veio para casar e constituir família. Ele não hesita em propor matrimônio e recebe uma resposta afirmativa imediatamente. Todavia, no ato do matrimônio, ela muda seu nome para Jocelyn Leigh. Apesar de estar confuso, Ralph não desiste da união e apenas pensa em como sua vida será diferente a partir daquele momento.

Já casados, ambas personagens partem para Weyanoke Hundred, local onde o protagonista residia, e é ali que ele descobre que sua esposa não tem as qualidades esperadas

⁹ Nossa tradução: Quando o trabalho do dia terminou, eu sentei na beirada da porta, com o cachimbo na mão, para descansar um pouco no frescor da noite.

¹⁰ Nossa tradução: Noventa figuras delgadas cobertas com toda a coragem que elas pudessem assumir: noventa rostos decentes, brancos e rosados, [...] noventa pares de olhos, risonhos e sedutores, ou melancólicos, com franjas longas caindo em suas bochechas redondas; noventa pares de lábios vermelhos maduros.

de uma dona de casa. Uma vez que ela não cozinha e não costura, o narrador, Ralph, se vê na obrigação de contratar uma senhora, a personagem Goody Cotton, para efetuar os trabalhos da casa. Nesse momento, o sonho do protagonista começa a desmoronar e a narrativa diegética passa a tomar outro rumo, pois a suposta comodidade de um lar esperado e uma casa cuidada por uma esposa não acontece.

Numa conversa entre os dois, a *tobacco wife* conta que era uma protegida do rei James I, mas que havia fugido da Inglaterra porque não queria casar com seu pretendente, a personagem Lord Carnal, conforme ela mesma relata:

I am not of that crew that came to marry! To me you are the veriest stranger, – you are but the hand at which I caught to draw myself from a pit that had been digged for me. It was my hope that this hour would never come. When the ship set sail, and we met with stormy weather, and there was much sickness abroad, I thought ‘I may drown or I may die of the fever.’ [...] I am not without shame. I know that you think all ill of me, that you must feel yourself gulled and cheated. I am sorry – that is all I can say – I am sorry. I am your wife – I was married to you today – but know you not and love you not. I ask you to hold me as I hold myself, a guest in your house [...]. I appeal to your generosity, to your honor.”¹¹ (JOHNSTON, 2016, p. 43-45).

A personagem feminina do romance, Jocelyn Leigh, acreditou que iria morrer durante a travessia marítima, mas já que isso não aconteceu, viu-se forçada a desposar alguém que morasse distante do assentamento principal, que era Jamestown. Seus atos foram pensados com o objetivo de poder ficar longe dos olhos dos ingleses recém-chegados e daqueles que estavam a serviço do rei, isto é, pessoas que poderiam reconhecê-la e então devolvê-la para a Inglaterra.

Com o decorrer da narrativa, vários acontecimentos vão dando forma ao romance: a personagem Lord Carnal chega a Jamestown procurando por sua noiva Jocelyn; Ralph e ele se

¹¹ Nossa tradução: Eu não faço parte daquele grupo que veio para casar! Par mim, você é o mais estranho de todos, – você foi a mão que eu agarrei para me salvar de um buraco que cavaram para mim. Era minha esperança que essa hora nunca chegasse. Quando o navio zarpou, e nós nos deparamos com um tempo turbulento, e havia muitas doenças a bordo, eu pensei “eu posso morrer afogada ou morrer de febre.” [...] Eu não estou com vergonha. Eu sei que você deve pensar coisas ruins de mim, que você deve se sentir ingênuo e enganado. Eu lamento – é tudo o que eu posso dizer – eu lamento. Sou sua esposa – eu me casei com você hoje – mas não conheço você e nem amo você. Eu lhe peço que me tenha aqui assim como eu me vejo, uma hóspede em sua casa [...]. Eu apelo para sua generosidade, para sua honra.

enfrentam num duelo para saber quem ficará com a moça; Jocelyn e Ralph decidem fugir num barco que chega até Bahamas, mas são perseguidos por Lord Carnal; e são encontrados por um navio inglês, que traz nessa viagem o novo governador da Virgínia, uma personagem responsável por prender Ralph e considerar Lord Carnal um grande herói por tentar resgatar sua futura esposa e defender os ideais da Coroa Inglesa no “Novo Mundo”. Fica claro que, até esse momento, o enredo prima por uma exaltação às ações inglesas, pois dá-se razão àqueles que visam trabalhar a favor do rei James I, como Lord Carnal e o novo governador, e não à apenas um homem que trabalha no local a ser desbravado. Os detentores do poder possuem mais razão que os trabalhadores mais comuns, embora sejam eles que impulsionam o desenvolvimento.

Então, todos regressam a Jamestown, nesse navio inglês. Contudo, ao chegarem no vilarejo, o protagonista Ralph Percy é considerado um criminoso e mantido preso, mas consegue subornar o responsável por guardar sua cela, fugir e, dessa forma, ele tenta socorrer sua esposa, Jocelyn Leigh, que dizem ter sido feita prisioneira dos nativos da região ao tentar fugir, mais uma vez, de Lord Carnal e também da guarda inglesa ali em Jamestown. Dessa maneira, insatisfeita com o futuro que lhe aguarda – um casamento com Lord Carnal e a submissão feminina – ela tenta mudar seu destino mais uma vez: prefere um encontro com os nativos da região e talvez a morte que submeter-se aos desejos de um homem que não gosta.

No entanto, nesse processo de salvar sua esposa, o protagonista Ralph é quem se torna prisioneiro da tribo Powhatan. Ali, distante de Jamestown ele se vê obrigado a participar dos ritos dos habitantes nativos da região, como, por exemplo, partilhar da comida deles e fazer parte de uma grande festa. Após dias como prisioneiro dentro da tribo, ele recebe a notícia de que os nativos irão atacar o povo inglês branco. Mesmo sendo uma personagem que conseguia ter uma relação sociável com a maioria dos nativos, ele decide ficar ao lado de seu povo, os

colonizadores ingleses, e tenta avisar a pequena população do vilarejo que eles serão atacados pelos nativos.

Após ser solto, Ralph Percy fica desesperado e parte desesperado na tentativa de precaver as pessoas de Jamestown que haverá um ataque elaborado pelos nativos cuja intenção é dizimar os ingleses. De acordo com a historiografia oficial, esse ataque ficou conhecido como “o massacre de 1622”, onde cerca de 350 colonizadores, incluindo mulheres e crianças, foram mortos de forma brutal por nativos a mando do líder tribal Opechancanough.¹² A história das *tobacco wives*, representada pela personagem Jocely Leigh, cede espaço para esse episódio histórico que ganha bastante destaque na narrativa, pois é nesse momento que a colonização em Jamestown – a primeira colônia permanente a ter êxito – fica ameaçada.

Após o término do ataque, quando inúmeros personagens que representavam as famílias que seriam o alicerce e o futuro da nação aparecem degolados e escarpados, aqueles que representavam os colonizadores ingleses consideram-se vitoriosos, como podemos notar por meio dos relatos do narrador Ralph Percy:

*It was done. A moment's fierce fighting, then the Indians wavered, broke, and fled. Like sheep we drove them before us, across the neck, to the edge of the forest, into which they plunged. [...] They stood no chance against us; we cared not to make prisoners of them; it was a slaughter, but they had taken the initiative. [...] They were brave men that we slew that day.*¹³ (JOHNSTON, 2016, p. 387).

A historiografia aborda o evento do “grande massacre de 1622” com lástima porque apesar dos colonizadores ingleses terem conseguido expulsar os nativos e fazer com que eles regressassem para dentro das florestas, houve inúmeras mortes e o povoado de Jamestown ficou bastante reduzido. Ambos povos – nativos e europeus – perderam um grande número de pessoas

¹² Disponível em: < <http://www.ushistory.org/us/2e.asp> > Acesso em: 07 jan. 2018.

¹³ Nossa tradução: Estava feito. Foi um momento de luta cruel, então os índios hesitaram, pararam e foram embora. Nós os afastamos como ovelhas para a beira da floresta, na qual eles pularam para dentro. [...] Eles não tinham chance contra nós; e não nos importamos em fazer prisioneiros; foi uma matança, mas eles tomaram a iniciativa. [...] Foram homens corajosos que nós matamos aquele dia.

com essa luta. Já na ficção, a lamúria não tem espaço porque os ingleses sentem-se superiores aos habitantes locais e julgam-se perspicazes porque pensam tê-los vencidos, abordando rapidamente essa questão do número da morte dos europeus.

Ao fim da narrativa híbrida, que mescla história e ficção, o protagonista Ralph é elevado a herói visto que conseguiu avisar seu povo sobre o ataque e, desse modo, as pessoas da colônia conseguem se preparar com armas e até proteger parte do vilarejo. A ajuda do protagonista, Ralph, foi fundamental para que, na narrativa fictícia, os europeus estivessem menos expostos aos ataques dos nativos.

Na continuidade dos episódios romanescos, o acontecimento histórico do “massacre de 1622” deixa de ser priorizado para que a história de Ralph e Jocelyn ganhe novamente seu espaço. Assim, aquele que foi o grande pivô da discórdia ao longo do romance, o Lord Carnal, tem seu desfecho. O narrador informa que essa personagem havia ingerido veneno ao ver que seu plano de tentar regressar para a Inglaterra com a personagem Jocelyn, sua antiga noiva, não teve sucesso. Uma vez que ele também deixa de ter a proteção do rei inglês, não enxerga vantagem alguma em retornar ao território britânico. Logo, ele pensa que a morte é seu melhor fim.

O narrador e protagonista masculino de *To have and to hold* ([1900] 2016), Ralph Percy, pensa que sua esposa havia se perdido na floresta ao redor de Jamestown e, após dias como preso de uma tribo nativa juntamente com o evento do massacre, ele crê na morte de sua amada. Contudo, a narrativa tem um momento de reviravolta e o pastor que havia realizado o casamento das duas personagens, Master Jeremy Sparrow, lhe revela uma surpresa: que a esposa está viva e em segurança.

A jovem representada como Jocelyn reencontra então seu esposo, a personagem narradora da diegese romanescas que conta parte da história da colonização dos Estados Unidos bem como a história das *tabacco wives*. Depois de várias lutas para permanecerem juntos,

Jocelyn Leigh e o colonizador retratado como Ralph Percy, recebem uma carta do rei inglês, convidando-os a regressar a Inglaterra. O monarca pede desculpas pelo transtorno causado por Lord Carnal e lhes informa que o nobre não tinha permissão para deixar o país em busca da noiva. Dessa maneira, fica claro que a desavença causada pelo noivo obsessivo não era de conhecimento do rei.

Por fim, o romance revela um final feliz para as duas personagens centrais da obra. Livres de qualquer empecilho, o Rei James reconhece a grande ajuda do narrador Ralph Percy ao intervir no “massacre” e também aceita como válida a união matrimonial de ambos, mesmo sabendo da fuga da sua protegida, Jocelyn Leigh.

A forma como os eventos da narrativa *To have and to hold* ([1900] 2016) estão elencados evidencia outra característica do romance histórico tradicional (Fleck, 2017, p. 50), pois mostra que essas ações narradas “seguem a linearidade cronológica dos eventos históricos retomados na ficção para dar a impressão de que o tempo é um fluir constante e ininterrupto e que a história é incontestável por seu caráter cronológico.” Observamos que os eventos históricos seguem a ordem com que são apresentados porque ocorre a chegada do navio com as “*tobacco wives*”, a realização dos casamentos, o processo de adaptação entre o casal Jocelyn Leigh e Ralph Percy, a chegada do noivo abandonado – Lord carnal –, a fuga dos protagonistas, a prisão do narrador do romance, o “grande massacre de 1622” e o reencontro do principal casal da narrativa.

É também nesse decorrer dos episódios romanescos que nos damos conta de que a diegese não contesta a história, mas corrobora a sua versão perante as concepções de enaltecer o processo de colonização e da vinda das “*tobacco wives*”, de engrandecer a representação do colonizador e de que os nativos tiveram a iniciativa de atacá-los, sem mencionar que foi o europeu branco que invadiu a terra de outro povo – isso, numa análise mais atual e distante dos conceitos do século XVI. Tal fato também constitui uma característica da modalidade tradicional, conforme Fleck (2017, p. 50):

A ideologia que perpassa a escrita do romance histórico tradicional comunga com a da historiografia a intenção da construção de um discurso que exalta e/ou mitifica o herói do passado, pela aclamação de suas qualidades e pelo valor de suas ações, revelando-o como modelo de sujeito do passado para o cidadão/leitor do presente.

Apesar de haver alguns momentos de dificuldade ao longo da obra, com o fato de Jocelyn Leigh não fazer parte do grupo para casar, a narração caminha para um final feliz. Se, inicialmente, essa personagem não veio de forma voluntária como uma *tobacco wife*, ela se torna uma das jovens cuja intenção era casar e criar uma família, assegurando o território para a Coroa Inglesa, e o matrimônio termina por ser um evento bem sucedido em sua vida. Logo, ela integra o grupo de que todas as *tobacco wives* que deixaram a Inglaterra casaram e criaram raízes no “Novo Mundo”, o atual Estados Unidos da América.

Adicionado a essa ideologia de glorificar os eventos e feitos do passado, a narrativa tem “a intenção de ensinar a versão histórica hegemônica do passado ao leitor. Isso acarreta, muitas vezes, um acentuado didatismo do romance e a sobreposição dos elementos históricos na tessitura da narrativa.” (FLECK, 2017, p. 50). Assim, segundo pesquisador, o conteúdo histórico do romance ensina a história ao leitor de uma forma persuasiva. Logo, o leitor de *To have and to hold* (2016) atenta para o fato de que a ficção em suas mãos é bastante convincente e bem parecida com a versão histórica tradicional apresentada nos livros sobre a vinda das mulheres que vieram para casar e também sobre o início do processo de colonização americana.

Enquanto que na modalidade clássica a narrativa fictícia apresentava as características de um “pano de fundo histórico”, de uma trama ficcional com personagens fictícios que são o centro da narrativa, de um caso amoroso com desenlace feliz ou trágico e uma trama fictícia em primeiro plano, na qual a atenção do leitor é voltada, segundo Márquez Rodríguez (1996, p. 22-23), na modalidade tradicional o “pano de fundo histórico” desaparece e “o evento histórico e seus protagonistas focalizados na narrativa ficcional constituem o eixo único do romance.” (FLECK, 2017, p. 50). Observamos que as personagens principais foram Ralph e Jocelyn. Ele,

na posição de narrador e colonizador retratado, e ela, como uma “*tobacco wife*”. A história de ambos é mesclada ao processo de colonização e não há divisão entre uma e outra.

Essas personagens principais são aquelas consagradas pela história tradicional, pois para Jocelyn e Ralph cabe a figura da metonímia, na qual um termo é usado para identificar um conjunto. Nesse caso, ela representa todas as “*tobacco wives*” que vieram para Jamestown. Já Ralph Percy, age como um representante do colonizador inglês. Essa também seria uma característica do romance histórico tradicional que, de acordo com Fleck (2017, p. 50-51):

As personagens romanescas passam a ser, na maioria dos casos, aquelas já consagradas como grandes heróis na historiografia [...]. Ao centralizar a atenção em personagens bem conhecidas e suas ações, o relato ficcional reelabora o passado registrado pela história com tons efusivos e consagra, desse modo, a versão perpetrada pelo discurso historiográfico.

O romance escrito por Johnston ([1900] 2016), que em alguns momentos aparenta apresentar uma narrativa um pouco ingênua, está de acordo com as versões difundidas pelos detentores do poder. A hegemonia inglesa reina no “Novo Mundo” e seus atos, no intuito de alavancar a colônia de Jamestown bem como apresentar a história das *tobacco wives*, apontam para um evento de grande sucesso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance estadunidense, *To have and to hold* (2016), de Mary Johnston, abordou de forma linear e sem desconstrução de fatos, a vinda de mulheres brancas que deixaram a Inglaterra para desposar homens desconhecidos e representados como colonizadores na colônia Jamestown. O fato de o futuro marido ser obrigado a custear o transporte para a Companhia da Virgínia, empresa responsável pelo deslocamento das jovens, fez com que elas se tornassem conhecidas como *tobacco wives*, uma vez que o pagamento era efetuado em boa quantidade de folhas de tabaco.

Não há, dentro da narrativa fictícia, elementos que prevaleçam a ideia de se ir contra a ideologia europeia de desbravar aquelas terra e fazê-las posse da Coroa Inglesa. O envio de *tobacco wives* vem, justamente, para fortalecer essa concepção de posse do local, de famílias estabilizadas e puras de raça perante a crença europeia. Qualquer resquício da história dos nativos e de suas culturas não tem espaço no projeto de estabelecimento do povo inglês que ambiciona impor seu modo de vida no “Novo Mundo”.

Após uma breve explanação sobre as fases e modalidades dos romances históricos, narrativas que conjugam história e ficção, bem como uma apresentação da história das *tobacco wives* ocorrida no início do século XVII – mais especificamente, por volta de 1620 –, acreditamos que ao expormos trechos da narrativa estadunidense de Johnston ([1900] 2016), alcançamos nosso propósito de mostrar como se deu suas histórias perante o discurso fictício. Numa trama envolvente, atentamos para o fato de que, após tantos incidentes e percalços na narrativa fictícia, torcemos pelo final feliz das personagens Jocelyn Leigh e Ralph Percy: um casal que pretende permanecer no local e ter filhos em Jamestown, assegurando o território para a Coroa Inglesa. Dessa maneira, os episódios narrativos corroboram a versão historiográfica e revelam que sua colonização alcançou grande êxito.

REFERÊNCIAS

- AÍNSA, F. La nueva novela histórica latinoamericana. **Plural**. México: 1991. p. 82-85.
- BERKIN, C. **First generations**: women in colonial America. New York: Hill and Wang, 1997. 234 p.
- FLECK, G. F. **O romance histórico contemporâneo de mediação**: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção. Curitiba: CRV, 2017. 308 p.
- HUTCHEON, L. **A poética do pós-modernismo**: história teoria e ficção. Tradução: Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991. 330 p.
- JOHNSTON, M. **To Have and to Hold**. La Vergne: Richard B. Foster, 2016. 407 p.
- LUKÁCS, G. **O romance histórico**. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011. 438 p.
- MÁRQUEZ RODRÍGUEZ, A. **Historia y ficción en la novela venezolana**. 2. ed. Caracas: La Casa de Bello, 1996. 271 p.

MATA INDURÁIN, C. Retrospectiva sobre la evolución de la novela histórica. In: SPANG, K.; ARELLANO, I.; MATA INDURÁIN, C. **La novela histórica**. España: EUNSA, 1995. p. 13-64.

MENTON, S. **La nueva novela histórica da la América Latina: 1979-1992**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993. 311 p.

PESAVENTO, S. J. Fronteiras da ficção: diálogos literários da história com a literatura. **Anais do XX Simpósio Nacional de História – ANPUH**. Florianópolis, v. 2, p. 819–831, jul. 1999.

SCOTT, W. **Waverly**. New York: Oxford Univeristy Press, 1986. 496 p.

TROUCHE, A. **América: história e ficção**. Niterói: EdUff, 2006. 156 p.

WILLIAMS, S. R. **Demeter's Daughters: the women who founded America: 1587-1787**. New York: Atheneum, 1976. 361 p.

ZUG, M. A. **Buying a bride: an engaging history of mail-order matches**. New York: New York University Press, 2016. 305 p.

Recebido em: 13/05/2018

Aceito em: 21/01/2019